



## O USO DE [ÃW] E [Õ] NA COMUNIDADE CORIXA FRONTEIRA BRASIL/BOLÍVIA: ANÁLISE DA VARIÁVEL SEXO

THE USE OF [ÃW] AND [Õ] IN THE COMMUNITY CORIXA FRONTIER BRAZIL/BOLIVIA: ANALYSIS OF THE VARIABLE SEX

Simone Carvalho Mendes (PPGL-UNEMAT)<sup>1</sup>  
[simoneisis\\_cm@hotmail.com](mailto:simoneisis_cm@hotmail.com)

Jocineide Macedo-Karim (UNEMAT)<sup>2</sup>  
[jocineidekarim@yahoo.com.br](mailto:jocineidekarim@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Propomos nesta pesquisa, apresentar um estudo realizado com os nativos da comunidade Corixa-MT, a referida comunidade localiza-se na fronteira de Cáceres com a cidade boliviana de San Mathias. Esta pesquisa é fruto dos estudos realizados durante o curso de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da UNEMAT, no qual, tínhamos por objetivo descrever e analisar os usos linguísticos locais. No presente artigo, apresentaremos um dos resultados obtidos com a pesquisa, ou seja, analisaremos neste, os usos da forma padrão [ãw] e da forma padrão regional [õ]<sup>3</sup>, a partir da variável sexo, para este estudo, tomamos como parâmetro os sexos masculino e feminino. Desenvolvemos este estudo, sob os aportes teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista, linha teórica, cujo objetivo é o de descrever e sistematizar as variações linguísticas existentes. Tomamos como *corpus* as entrevistas de 24 fronteiriços (12 homens e 12 mulheres), selecionados respeitando alguns critérios, sendo estes: todos os entrevistados são nativos da comunidade, brasileiros, pertencentes á diferentes faixas etárias. A análise foi baseada nos estudos dos teóricos Willian Labov (2008) e Fernando Tarallo (1997). As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação; Fronteira; Comunidade; Corixa; Variável sexo.

**ABSTRACT:** In this research we propose, to present a study carried out with the natives of the Corixa-MT community, this community is located on the border of Cáceres with the Bolivian city of San Mathias. This research is the result of studies carried out during the *Stricto Sensu* Postgraduate Course in Linguistics at UNEMAT, in which we aimed to describe and analyze local linguistic uses. In the present article, we will present one of the results obtained with the research, that is, we will analyze in this, the uses of the standard form [ãw] and the regional standard form [õ], based on the variable gender, for this study, we took as a parameter the male and female sexes. We developed this study, under the theoretical and methodological contributions of the Variationist Sociolinguistics, theoretical line, in which the objective is to describe and systematize the existing linguistic variations. We took as corpus the interviews of 24 frontiers (12 men and 12 women), selected respecting some criteria, being these: all interviewees are natives of the community,

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós- Graduação em Linguística *Stricto Sensu* em Linguística da UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso.

<sup>2</sup> Professora Doutora em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística/UNEMAT/Cáceres - Coordenadora do projeto de pesquisa: A variação linguística em comunidades quilombolas da Região Centro Oeste do Brasil; Membro do Grupo de Pesquisa: Mato Grosso: Falares e Modos de Dizer.

<sup>3</sup> Neste estudo trataremos as formas como padrão e padrão regional, tendo em vista que tais fenômenos já foram atestados no falar da cidade de Cáceres-MT, por outros estudiosos.

Brazilians, belonging to different age groups. The analysis was based on studies by theorists Willian Labov (2008) and Fernando Tarallo (1997). The interviews were recorded, transcribed and analyzed.

**KEYWORDS:** Variation; Border; Corixa; Community; Variable Sex.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste estudo, apresentamos um dos resultados obtidos por meio da pesquisa realizada na comunidade Corixa-MT, na qual tínhamos como foco observar, descrever e analisar os usos linguísticos mais recorrentes na referida comunidade, destes se destacaram, a recorrência de uso da forma padrão [ãw] e da forma regional [õ] na localidade, apresentaremos aqui a análise realizada a partir da variável sexo, sendo que para este estudo, entrevistamos 12 homens e 12 mulheres, todos nativos da comunidade.

A comunidade em estudo é muito peculiar, pois nesta podemos encontrar diferentes grupos convivendo diariamente, a comunidade fica localizada na fronteira com a cidade de San Mathias – Bolívia. O grupo em estudo é uma pequena comunidade fronteiriça que possui diversidades linguísticas e culturais, á qual chamou-nos a atenção para desenvolvermos este estudo sobre o falar local, bem como para conhecermos um pouco mais sobre seus hábitos, crenças e culturas, haja vista, que tais fatores extralinguísticos, podem estar diretamente relacionados com a manutenção de determinados usos linguísticos encontrados na localidade, porém neste estudo apresentaremos apenas os dados da fala, obtidos por meio de entrevistas realizadas com 24 fronteiriços (12 homens e 12 mulheres).

Deste modo, selecionamos como recorte para este estudo, os usos de [ãw] e [õ] no falar dos nativos da Corixa, tomando para análise a variável sexo. Esse uso linguístico é típico do português popular e consiste na troca do ditongo [ão] em palavras como pão/mão/limão, por [on] que no falar local passa a ser mon/pon/limon. Para desenvolver as nossas análises tomaremos como base teórica a Sociolinguística Variacionista, área de estudo, cujo objetivo é estudar a língua em seu contexto social, e que tem como precursor teórico Willian Labov 2008, autor cuja teoria redimensionou os estudos relacionados à

língua em sociedade.

Dentre os usos linguísticos encontrados na comunidade que demonstram a diversidade linguística local, podemos citar: a) a realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], b) A vocalização da lateral palatal [ɬ], exemplos: trabaio/trabalho – muié/mulher, c) a apócope do [l] e do [r] no final de palavras, exemplos: difícil/difícil - prantá/plantar, d) a metátese; exemplos: porciçõn/procissão – preguntadô/perguntador, e) a realização da vogal tônica [i] sobre a pretônica [e], exemplos: pirigo/perigo – minino/menino, f) a realização da vogal [i] ao invés da vogal [e] em início de palavra, exemplos: iducaçõn/educação – imprestadu/emprestado, g) o rotacismo em coda silábica e em grupo consonantal; exemplos pobrema/problema – crima/clima, h) o alçamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal, exemplos: mándióca/mandioca – dánça/dança. Dentre os usos encontrados, selecionamos para este estudo: i) alternância de uso de [ãw] e [õ], exemplos, coração/coração – limon/limão.

Sendo assim, segue abaixo a metodologia adotada para o desenvolvimento deste estudo, bem como os resultados e análises decorrentes da pesquisa.

## 2 METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa segue os pressupostos teóricos de Labov (2008<sup>4</sup>), Tarallo (1997) e dos pesquisadores Amâncio (2007), Parcerro (2007), Pastorelli (2011) e Macedo-Karim (2012) autores da área da Sociolinguística que serviram como base para este estudo. Por ser uma análise Sociolinguística, cuja área de estudo tem como objeto a “língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social e, em situações reais de uso” (Alkmim, 2004, p. 31), torna-se pertinente apresentarmos como aconteceu o levantamento do *corpus* para análise.

Para entrarmos na comunidade e coletarmos dados, elaboramos um questionário<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Onde lê-se, Willian Labov 1972, refere-se á versão original em língua inglesa, contudo, neste estudo trabalharemos com a tradução, realizada por Marcos Bagno, Maria Martha Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso, ano de publicação, 2008.

<sup>5</sup> Roteiro de entrevista/questionário anexo foi elaborado de acordo com os questionários de Macedo-Karim

composto de 44 perguntas, todas com o objetivo de elencar informações acerca da comunidade, o modo de vida e atividades culturais locais, além de coletar dados da língua falada.

Tarallo (1997, p. 27) explica que devemos “entrar na comunidade através de terceiros, ou seja, de pessoas já devidamente aceitas pela comunidade”. Seguindo estas sugestões, buscamos um ajudante que estivesse inserido na comunidade, deste modo, localizamos um rapaz que prontamente atendeu nosso pedido de ajuda para realizarmos nossa pesquisa. Nosso auxiliar nasceu e foi criado na Corixa, o que facilitou muito a nossa entrada na comunidade, o mesmo nos acompanhou em todas as entrevistas.

A comunidade Corixa é composta por pequenos sítios, sendo nomeada pelos moradores locais como Corixa brasileira e Corixa boliviana. Nossas entrevistas foram realizadas somente na Corixa brasileira. A primeira vista a comunidade pareceu ser muito pequena, porém, ao iniciarmos as visitas nos surpreendemos com a quantidade de casas que visitamos. O acesso é realizado por meio de pequenas trilhas/picadas<sup>6</sup> no meio da mata, os sítios são ligados uns aos outros por meio destas trilhas.

O nosso primeiro contato com a comunidade foi produtivo, em todas as casas que chegamos fomos muito bem recebidos pelos moradores que se mostraram muito acolhedores. No segundo encontro, procuramos esclarecer os motivos de nossa presença na comunidade e sempre nos colocamos como pesquisadores interessados em conhecer a Corixa, com o intuito de amenizar a nossa presença enquanto elemento estranho à comunidade, como nos sugere Tarallo (1997):

Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. Seu objetivo central será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõem. A palavra “língua” deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar. (TARALLO, 1997, p. 21)

---

(2012), Parcero (2007), Pastorelli (2011), Dias (2016) e ALIB (2001).

<sup>6</sup> Referem-se a uma rua bem estreita que dá acesso as casas locais.



Adotando as sugestões do referido autor, abordamos em nossas conversas com os nativos da Corixa temas relacionados à cultura local, as festas, os costumes, a natureza, o exército, a convivência entre brasileiros e bolivianos, a questão familiar local, de maneira que os entrevistados se sentissem mais à vontade durante a entrevista e não se preocupassem com a fala. Já que nosso objetivo central seria coletar dados naturais da fala, buscamos em todas as entrevistas quebrar a formalidade que envolve uma entrevista gravada. Para tanto, seguimos as orientações de Tarallo (1997):

Ao selecionar seus informantes estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo. Seja qual for a natureza da situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. (TARALLO, 1997, p. 21)

Tomando as sugestões do teórico, procuramos envolver os entrevistados por meio de conversas diversificadas para na sequência aplicarmos nosso roteiro de entrevista, de modo geral, as entrevistas foram dinâmicas e naturais, a maioria dos entrevistados se mostraram interessados em contribuir com a nossa pesquisa.

As entrevistas foram gravadas em um gravador digital da marca Sony IC Recorder ICD-P620. Depois de gravadas, foram transferidas para o programa de computador Digital Voice Sony e transcritas. Feito isso, separamos deste material coletado os dados para nossa análise.

Os entrevistados selecionados foram divididos em três faixas etárias distintas: de 20 a 30 anos, de 38 a 48 anos e pessoas a partir de 58 anos, de modo que ao escolhermos as três faixas etárias procuramos deixar um intervalo de 08 anos entre elas. Foram entrevistadas oito pessoas de cada faixa etária, sendo estes 12 homens e 12 mulheres, totalizando 24 pessoas entrevistadas, como podemos observar na Tabela 1 a seguir:

**Tabela 1: Faixas etárias dos entrevistados**

Entrevistados	De 20 a 30 anos	De 38 a 48 anos	A partir de 58 anos
Sexo masculino	4	4	4
Sexo Feminino	4	4	4
Total	8	8	8

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Para uma melhor organização da pesquisa, adotamos alguns critérios de seleção dos nossos entrevistados, que seguem:

- Sexo masculino e feminino;
- Que os entrevistados tivessem idades correspondentes às seguintes faixas etárias: de 20 a 30 anos, de 38 a 48 anos e a partir de 58 anos;
- Que os entrevistados e seus pais tivessem nascido no Brasil, na região de Cáceres;
- Que os entrevistados morassem na região de fronteira Brasil/Bolívia (Corixa).

Adotamos ainda um critério de exclusão do informante, que envolve os entrevistados que se autodeclararam índios, eles não foram entrevistados<sup>7</sup>.

Apresentamos a seguir, a Tabela 2, com o perfil sociocultural dos entrevistados:

**Tabela 2: Perfil sociocultural dos entrevistados na pesquisa**

Identificação <sup>8</sup>	Sexo	Idade	Escolaridade <sup>9</sup>	Profissão
LROM	Masculino	24	E/M/C	Vendedor
RROFM	Masculino	26	E/F/I	Peão/domador

<sup>7</sup> Por se tratar de uma comunidade muito diversificada onde índios Chiquitanos podem ser facilmente encontrados, inserimos esse item de exclusão nos critérios de seleção conforme solicitação do Comitê de Ética em Pesquisa, tendo em vista que os procedimentos para realizar entrevistas com índios são outros.

<sup>8</sup> Tendo em vista, nosso comprometimento com o Comitê de Ética em Pesquisa, substituímos os nomes dos entrevistados por códigos, como pode ser observado na tabela 2.

<sup>9</sup> Na tabela 2, representamos o nível de escolaridade em siglas: E/M/C= Ensino Médio Completo, E/M/I=Ensino Médio Incompleto, E/F/I= Ensino Fundamental Incompleto e S/E= Sem Escolaridade.



CROM	Masculino	30	E/F/I	Peão/lavrador
MTRM	Masculino	25	E/F/I	Lavrador
JSRM	Masculino	48	S/E	Lavrador
JSM	Masculino	48	S/E	Lavrador
JVM	Masculino	47	S/E	Lavrador
ATM	Masculino	38	E/F/I	Lavrador
MSSM	Masculino	58	S/E	Lavrador
FVM	Masculino	70	S/E	Lavrador
ROM	Masculino	60	S/E	Lavrador
SOM	Masculino	62	S/E	Lavrador
JRSF	Feminino	28	E/M/C	Dona de casa
SPSF	Feminino	26	E/M/C	Dona de casa
ACEMF	Feminino	20	E/M/I	Estudante
CCROF	Feminino	20	E/M/I	Estudante
LSRF	Feminino	44	E/F/I	Dona de casa
AMCRF	Feminino	48	E/F/I	Dona de casa
MSF	Feminino	38	E/M/C	Dona de casa
NTF	Feminino	47	S/E	Dona de casa
ATRF	Feminino	70	S/E	Dona de casa
ESRF	Feminino	58	S/E	Dona de casa
IJF	Feminino	58	S/E	Dona de casa
DLBF	Feminino	71	S/E	Dona de casa

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Na tabela 2, trazemos o perfil sociocultural dos entrevistados e apresentamos alguns fatores considerados relevantes nos estudos sociolinguísticos, conforme Tarallo (1997, p. 48) “a inclusão dos fatores externos possibilitará retratar o campo de batalha de outros ângulos. Qualquer perspectiva nova sobre o ‘caso’ merece ser levada em consideração”. Compreendemos assim, a importância de trazer para a pesquisa o fator extralinguístico sexo para análise.





A estratificação de acordo com o sexo é um fator muito importante nesta análise, pois pretendemos saber com este estudo se existem diferenças no modo de falar dos entrevistados, do sexo masculino e feminino, dentro da comunidade em estudo, já que notoriamente ambos os sexos desenvolvem diferentes atividades na comunidade.

Sobre esse aspecto Paiva (2004), relata o seguinte:

O fato de as mulheres se revelarem linguisticamente mais conservadoras ou mais orientadas para variantes de prestígio em algumas comunidades de fala pode ser, em grande parte, resultado de um processo diferenciado de socialização de homens e mulheres e da dinâmica de mobilidade social que caracteriza cada comunidade de fala. Tanto a preferência feminina pelas formas linguisticamente socialmente prestigiadas, tendência mais regular em comunidades de fala ocidentais, como a predominância de variantes socialmente estigmatizadas na fala feminina, como no já citado árabe, refletem a rigidez da separação entre os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, a maior ou menor amplitude das redes sociais de que eles participam e as restrições de mobilidade social impostas à mulher. (PAIVA, 2004, p. 40)

Observamos no fragmento acima, que o uso linguístico pode variar conforme o sexo do entrevistado, haja vista que homens e mulheres desempenham diferentes atividades sociais na comunidade.

Sobre esse aspecto, Paiva (2004, p. 40) segue dizendo que:

Os homens estão mais sujeitos à influência do prestígio encoberto das formas linguísticas do que as mulheres, dado que eles possuem mais mobilidade social e maior oportunidade de participação em grupos sociais fechados. (PAIVA, 2004, p.40)

Sendo assim, mesmo com o crescimento de mulheres no mercado de trabalho e sua independência financeira, o número de homens que fazem parte do mercado de trabalho ainda supera ao de mulheres, com isso os homens têm mais ascensão social em relação às mulheres. Enquanto os homens saem para trabalhar fora e estão sujeitos a diversas redes comunicativas, as mulheres ficam em casa e se dedicam aos afazeres domésticos e aos cuidados com os filhos. Esse fato, por sua vez, pode influenciar os usos linguísticos de homens e mulheres.





Apresentamos ainda, a transcrição dos dados obtidos nas entrevistas da comunidade Corixa. Sobre esse aspecto Paiva (2004) destaca que:

É necessário ressaltar que qualquer transcrição de dados linguísticos subjaz, mesmo que não explicitada, uma teoria que norteia muitas das decisões a serem tomadas durante o processo. De certa forma, podemos afirmar que a transcrição pressupõe uma pré-análise dos dados, na medida em que nosso posicionamento teórico preestabelece, muitas vezes, a própria unidade de análise a ser considerada [...] E, além disso, é a orientação teórica do pesquisador e os seus objetivos que modelam a transposição dos registros orais para uma forma gráfica. Esse sistema de convenções se faz necessário para garantir um mínimo de consistência no processo de transcrição dos dados da fala. (PAIVA, 2004, p. 135)

Como foi disposto na citação acima, o posicionamento teórico adotado para a transcrição dos dados da fala é de suma importância para a pesquisa, haja vista que é a partir dela que o pesquisador irá direcionar sua análise. Partindo desse pressuposto, realizamos nossa transcrição tomando como base teórica Marcuschi (1998) e Cintra (1992). Para manter a fidelidade dos usos linguísticos na transcrição grafemática, procuramos manter a fala dos entrevistados tal qual foi gravada, segundo Paiva (2004):

A fidelidade aos dados orais deve ser o objetivo de toda transcrição. Queremos registrar o que foi dito por um falante da forma como foi dito. Uma transcrição não é e não pode ser uma edição da fala do entrevistado. Assim, se um falante diz *as menina bonita*<sup>10</sup> (ao invés de *as meninas bonitas*), tal cadeia deve ser registrada exatamente da forma como foi pronunciada. (PAIVA, 2004, p. 136)

Neste estudo, tomamos como base para a transcrição dos dados fonológicos em análise, o alfabeto Fonético Internacional. Adotamos também o uso das chaves para representar as realizações fonéticas encontradas.

Adotamos ainda, algumas representações gráficas para as transcrições, seguimos como modelo o estudo de Macedo-Karim (2012):

a) Para marcar pausas – reticências;

---

<sup>10</sup> Grifos da autora.

- b) Para marcar comentários da pesquisadora – parênteses;
- c) Para marcar hesitação ou sinal de atenção – ah, eh, oh, etc.

### 3 ANÁLISES

Dentre os usos encontrados nesta comunidade, selecionamos para este estudo somente os usos de [ãw] e [õ], tendo em vista, que tais usos se mostraram mais atuante no falar da comunidade local, fator que chamou nossa atenção para um estudo mais aprofundado sobre este fenômeno linguístico.

Conforme os estudos apresentados por Lima (2018):

[...] Percebemos um alongamento compensatório na fala dos nativos de Vila Bela, tomamos como exemplo o dado a seguir representado foneticamente temos: Na variedade do português de Vila Bela: [kora'sõ] [...] Na variedade do PB: [kora'sãw] [...] Notamos nesses segmentos um evidente alongamento do /o/, assim percebemos o traço nasal, porém com um prolongamento, nesse caso na vogal /o/ notamos que ao pronunciar esse dado os nativos de Vila Bela emitem um alongamento. (LIMA, 2018, p. 76-77)

Assim como ocorre nos estudos de Lima (2018), o falar da comunidade Corixa também apresenta tais fenômenos. Observamos em nossas entrevistas, que em palavras terminadas em [ãw] ocorrem mudanças significativas, e estas passam a ser pronunciadas como [õ] havendo assim, a nasalização da mesma. Concordamos com a pesquisadora, quando ela diz que tal fato ocorre por causa do alongamento da vogal /o/, tornando perceptível o traço nasal. Para exemplificarmos tais realizações, segue a tabela 3, com alguns destes usos encontrados na comunidade em estudo:

**Tabela 3: Realizações dos usos na comunidade Corixa**

Representação gráfica padrão	Transcrição fonética	Transcrição da forma padrão regional [õ]	Transcrição fonética da forma padrão regional [õ]
Televisão	[te.le.vi'zãw]	Televison	[televi'zõ]
Perdão	[ˈpe.ɫ.dãw]	Perdon	[ˈpe.ɫdõ]
Não	[ˈnãw]	Non	[ˈnõ]
Coração	[ko.ra'sãw]	Coraçon	[kora'sõ]
Procissão	[ˈpro.si.sãw]	Procisson	[ˈprosisõ]
Então	[ˈĩ.tãw]	Enton	[ẽ'tõ]
Limão	[ˈli.mãw]	Limon	[ˈlimõ]

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base nos dados selecionados das entrevistas.

Tal uso linguístico, conforme disposto na tabela 3, consiste na troca do ditongo [ãw] em palavras como pão/mão/limão, por [õ] que no falar local passa a ser mon/pon/limon. Sendo este fenômeno, típico do português falado nas cidades do interior do estado de Mato Grosso, e observando estudos anteriormente realizados, percebemos que todas essas cidades com tais ocorrências foram formadas no período do Brasil-Colônia.

Deste modo, supomos que esse uso poderia ser um resquício do contato com os colonizadores vindos do Norte de Portugal, porém não descartamos a hipótese da manutenção deste uso, ser fruto também do contato com o espanhol, outra hipótese para a manutenção deste uso, poderia estar relacionada com o contato destes nativos com os índios Chiquitano e Bororo, já que estes grupos também apresentam traços nasais, entretanto estas são questões a serem desenvolvidas em estudos futuros.

Conforme Noll Volker (2008):

Na formação do português brasileiro foram suprimidas, como



consequência do nivelamento, evidentemente tanto a tendência do Norte de Portugal para a desfonologização de /v/ (>/b/) [...] essas características típicas do Norte de Portugal também ocorrem no Brasil, no nível popular e regional [...] outras características do português setentrional encontram um paralelo no Brasil. Trata-se de: [...] a pronúncia antiga - om [õ] do ditongo-ão (mão[mõ]) (p. ex., em Mato Grosso (Portugal: Minho; cf. Kroll, 1994:547). (VOLKER, 2008, p. 285)

Tomando como ponto de partida a fala do pesquisador Volker (2008), percebemos o quanto este uso linguístico é antigo, porém se manteve vivo no falar da comunidade em estudo até os dias atuais, conforme apresentaremos nas análises subsequentes. Para desenvolver as nossas análises, tomaremos como base teórica a Sociolinguística Variacionista, área de estudo, cujo objetivo é estudar a língua em seu contexto social, e que tem como precursor teórico William Labov (2008), autor cuja teoria redimensionou os estudos relacionados à língua em sociedade.

### 3.1 A Variável Sexo

Apresentamos neste espaço, as análises dos usos de [ãw] e [õ] na comunidade Corixa-MT, considerando o fator extralinguístico sexo, de modo que neste estudo, tomamos como parâmetro o sexo masculino e feminino.

Conforme Bagno (2017):

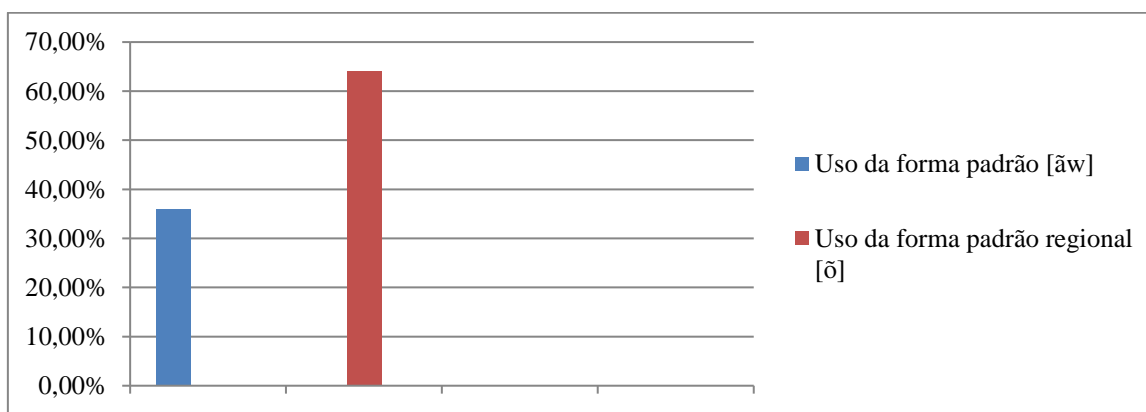
As pesquisas antropológicas e dialetológicas demonstraram que as mulheres, frequentemente exibem um **comportamento linguístico** diferente do dos homens. Essas diferenciações podem ser devidas à própria estrutura da língua: em japonês, por exemplo, há formas, gramaticais específicas que só as mulheres usam ao falar, como os pronomes de 1ª pessoa *atashi*, *atakushi* e *atai*; em línguas com morfologia própria para a categoria gramatical de gênero, a flexão no feminino é obrigatória quando a mulher fala de si mesma (Estou exausta, mas satisfeita). Outra causa possível para a diferenciação da fala feminina são os **tabus** linguísticos impostos em diferentes culturas, onde costumam existir palavras cuja pronúncia é proibida às mulheres [...] Também é possível localizar as diferenças linguísticas das falas masculinas e femininas nas diferenças de modo de vida: nas sociedades em que as mulheres praticamente não têm contato com o exterior, é normal que desconheçam inovações linguísticas surgidas no ambiente

externo ao seu. (BAGNO, 2017, p. 132, *grifos do autor*)

Sendo assim, compreendemos que o falar dos homens e das mulheres pode ser diferenciado, e que os fatores condicionadores são importantes nestas escolhas dos falantes, depende da cultura, dos costumes e hábitos de cada lugar. Tanto os homens quanto as mulheres desempenham diferentes atividades nas comunidades. Por exemplo, há algum tempo, a educação dos filhos era considerada como obrigação somente das mulheres, e estas ficavam a cargo dos afazeres domésticos e dos cuidados com os filhos. Seu círculo de convivência era limitado, enquanto que os homens ficavam responsáveis por trabalhar fora e manter suas famílias financeiramente, mantendo assim, vínculos que iam além da convivência familiar. Sabemos que o contato ou a falta de contato com outras pessoas podem influenciar nos usos linguísticos de homens e mulheres, sendo assim, é pertinente considerar todos os fatores possíveis na construção das análises.

Apresentamos, a seguir, o gráfico 1 com os resultados totais de uso d [ãw] e [õ]:

**Gráfico 1: Total de ocorrências de [ãw] e [õ]**



Fonte: Gráfico elaborado pela autora com base nos dados selecionados das entrevistas.

Lê-se no gráfico 5: 36% de ocorrências de uso da forma padrão [ãw], valor correspondente a 166 usos, e 64% de ocorrências de uso da forma padrão regional [õ], que correspondem a 370 usos.

Apresentamos a seguir, os resultados das análises obtidas, com os entrevistados

do sexo masculino.

### 3.1.1 Uso de [ãw] e [õ] no falar masculino

Nossas entrevistas foram realizadas com 12 homens e 12 mulheres da comunidade Corixa, totalizando 24 pessoas. Destes, obtivemos no falar masculino 76 ocorrências de [ãw] e 178 ocorrências do [õ], conforme pode ser observado na tabela 4, a seguir:

**Tabela 4: Uso de [ãw] e [õ] no falar masculino:**

ENTREVISTADOS	OCORRÊNCIAS [ãw]	OCORRÊNCIAS [õ]
LROM24	19 = 25, 67%	0
RROFM26	11 = 14, 86%	3 = 0, 58%
CROM30	7 = 9, 45%	9 = 5, 74%
MTRM25	7 = 9, 45%	6 = 3, 44%
JSRM48	3 = 4, 5%	14 = 8, 04%
JSM48	3 = 4, 5%	15 = 8, 62%
JVM47	8 = 10, 81%	14 = 8, 04%
ATM38	7 = 9, 45%	16 = 9, 19%
MSSM58	2 = 2, 70%	22 = 12, 64%
FVM70	5 = 6, 75%	31 = 17, 81%
ROM60	2 = 2, 70%	14 = 8, 04%
SOM62	0	30 = 17, 24%
TOTAL	74	174

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base nos dados selecionados das entrevistas.

Conforme disposto na tabela 4, obtivemos em nossa pesquisa com entrevistados do sexo masculino, 74 ocorrências da forma padrão [ãw], com índices de uso que variaram entre 25, 67% equivalente a 19 ocorrências, até 0% de ocorrência, ou seja, nenhuma ocorrência de [ãw]. Quanto à forma padrão regional [õ], obtivemos nas entrevistas masculinas 174 ocorrências, com índices de uso que variaram entre, 17,81%



equivalentes a 31 ocorrências, até 0% de ocorrência.

Observamos a existência de ambos os usos linguísticos de [ãw] e [õ] no falar dos homens na comunidade em estudo, de maneira que obtivemos desde valores altos de ocorrências, (19 ocorrências no falar de um único entrevistado) para [ãw], até a ausência deste uso linguístico no falar masculino. Do mesmo modo, o uso linguístico de [õ], apresentou altos índices de ocorrências (30 ocorrências no falar de um único entrevistado), até a ausência deste uso linguístico no falar masculino. Acreditamos que estas ausências estão relacionadas, ao fator extralinguístico idade e a relação de identidade dos entrevistados manifestadas na/pela língua. Abordaremos este tema em um outro estudo.

Apresentamos fragmentos das entrevistas para exemplificação:

- (1) Mais ou menos... eu gostu... tipo ao púbrico né...**movimentação**...ondi tive mais **população**...aqui é muito quetu... paradu...num tem **opção** pra genti saí... assim num sábado saí pra passia né...i num lugá differenti aqui num tem...só ficá im casa memo...as vez tem festinha na comunidadi...mas é dificí tê. (LROM24)
- (2) Sim... mandioca...milho...batata... banana... **prantação** de áta laranja...fruta de tudo tipo. (JVM47)
- (3) Eu por exemplo... aqui cuzinho no **fogon** de lenha... eu como cumida cozinhada no **fogon** a gás só quando eu vô lá em Cáceres... na casa de minha irmã... do contrário é só á lenha... angico... é galinha cum aroz... carni cum **macaron**... carni cum mandioca. (FVM70)
- (4) As coisa num **son** como era di primero né... di primero fazia a festa cum lamparina... o pessoal que dança e o **violon** que toma o dele... e o panderô a noite intera... agora **non**... disqui falâ tira... daí é feio... põe um **lambadon** e o pessoal dança. (MSSM58)

### 3.1.2 Uso de [ãw] e [õ] no falar feminino

No falar feminino, encontramos 92 ocorrências do [ãw], seguida de 199



ocorrências de [õ], como pode ser observado na tabela 5, a seguir:

**Tabela 5: Uso de [ãw] e [õ] no falar feminino:**

ENTREVISTADAS	OCORRÊNCIAS [ãw]	OCORRÊNCIAS [õ]
JSRF28	18 = 19, 56%	1 = 0, 51%
SPSF26	10 = 10, 86%	6 = 3, 06%
ACEMF20	7 = 7, 60%	10 = 5, 10%
CCROF20	10 = 10, 86%	6 = 3, 06%
LSRF44	7 = 7, 60%	11 = 5, 61%
AMCRF48	6 = 6, 52%	21 = 10, 71%
MSF38	19 = 20, 65%	2 = 1, 02%
NTF47	9 = 9, 78%	16 = 8, 16%
ATRF70	1 = 1, 08%	25 = 12, 75%
ESRF58	3 = 3, 26%	42 = 21, 42%
IJF58	0	26 = 13, 26%
DLBF71	2 = 2, 17%	30 = 15, 30%
TOTAL	92	196

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base nos dados selecionados das entrevistas.

Conforme disposto na tabela 5, obtivemos em nossa pesquisa com as entrevistadas do sexo feminino, 92 ocorrências da forma padrão [ãw], com índices de uso que variaram entre 20,65% equivalente a 19 ocorrências, até 0% de ocorrência, ou seja, nenhuma ocorrência de [ãw]. Quanto à variante padrão regional [õ], obtivemos nas entrevistas femininas 196 ocorrências, com valores percentuais que variaram entre, 21,42% equivalentes a 42 ocorrências, e 0,51% equivalente a 1 ocorrência.

Apresentamos, a seguir, fragmentos das entrevistas para exemplificação:

- (5) Por que o pessoal daqui na festa de **São Sebastião**... eles sai sempre com o santo né... pra pega alimento... eu fui... aí saiu tiro ali na Bolívia... a bala passou de **raspão** na minha cabeça...nunca mais fui. (JRSF28)

- (6) Na **prantação**... tem madioca... milho... **feção**. (MSF38)
- (7) Tem **picon**... poejo... Gonçalo folha dele... a genti usa muito folha de **argudon**... pra **inframaçon** né...esses remédio assim... que aqui nós num tem farmácia... o que tem é só esse né. (LSRF44)
- (8) Tem **prantaçon** sim... ele que prantô [...] mandioca... banana... milho... batata... **fejon**... essas coisa né. ( NTF47)

Constatamos a existência de alternância nos usos linguísticos de [ãw] e [õ] no falar das mulheres da comunidade em estudo, de maneira que obtivemos desde valores altos de ocorrências, (19 ocorrências no falar de uma única entrevistada) para [ãw], até a ausência deste uso linguístico. O uso linguístico de [õ] no falar das mulheres também teve alternância de uso, tendo em vista que obtivemos índices altos de ocorrências (42 ocorrências no falar de uma única entrevistada).

Dias (2016), em sua pesquisa realizada na cidade de Poconé-MT, também encontrou os usos de [ãw] e [õ], no falar poconeano, segundo a pesquisadora:

Em Poconé há o uso, por exemplo, da variante [õ] (coração-coraçõ), porém, não é uma variação com uso absoluto de [õ], pois há também o uso de [ãõ]. Esse fato ocorre com todos os outros fenômenos encontrados na comunidade. Desta forma percebemos a alternância e concorrência como propõe a teoria. (DIAS, 2016, p. 40)

Assim, como nos estudos da referida pesquisadora, e em consonância com a teoria sociolinguística, nós encontramos os usos tanto da forma padrão [ãw], quanto da forma padrão regional [õ], no falar de ambos os sexos, na comunidade Corixa-MT, de modo que os falantes alternam sua fala entre o uso padrão [ãw] e a padrão regional [õ], sendo que a segunda forma é considerada de menor prestígio pelas pessoas de fora da comunidade, fato que não parece ocorrer nesta comunidade, como pode ser observado pelo número de ocorrências da forma padrão regional [õ].

Conforme Calvet (2002):



Dizer, por exemplo, *o toalete, o reservado, o banheiro, a latrina, o wc* ou *o sanitário* evidentemente manifesta uma variável, mas resta o problema de saber a que função correspondem essas diferentes *formas* [...] realmente pode-se considerar que essas diferentes palavras se dividem em seu uso em uma escala de faixas etárias: os jovens diriam *banheiro*, seus pais *wc* e seus avós, *reservados*, por exemplo. Pode-se então imaginar que eles se dividem segundo o sexo dos falantes, os homens dizendo mais *banheiro* e *wc* e as mulheres, *toalete* e *reservado*. Pode-se ainda imaginar que eles se dividam segundo uma escala social, com as classes abastadas usando preferentemente *toaletes*, e as classes desfavorecidas *latrina*, etc. uma descrição sociolinguística consiste precisamente em pesquisar esse tipo de correlações entre variantes linguísticas e categorias sociais efetuando sistematicamente triagens cruzadas e interpretando os cruzamentos significativos. (CALVET, 2002, p. 103)

Como pode ser observado na descrição do autor acima citado, existem diferenças no falar masculino e feminino, assim como existem diferenças do falar dos mais jovens e dos mais velhos, bem como diferenças decorrentes da classe social, conforme evidenciamos em nossa pesquisa.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi desenvolvido em uma pequena comunidade rural denominada Corixa, suas terras fazem parte do município de Cáceres, além de estar localizada na linha divisória com a cidade boliviana de San Mathias, ou seja, realizamos nossa pesquisa em uma área fronteira, porém, entrevistamos somente brasileiros<sup>11</sup> nativos da comunidade.

Nosso objetivo ao desenvolver este estudo foi descrever e quantificar os usos linguísticos de [ãw] e [õ] no falar dos nativos da comunidade Corixa, levando em consideração em nossas análises, apenas a variável sexo.

De acordo com Labov (2008, p. 243), “não existe falante de estilo único [...] todo falante que encontramos exibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que

---

<sup>11</sup> Neste estudo optamos em entrevistar somente os fronteirizos brasileiros, porém pretendemos desenvolver futuramente um estudo envolvendo os outros grupos que compõe a fronteira.

mudam o contexto social...”, como pode ser observada nos índices apresentados nas tabelas 1 e 2, a incidência da forma padrão [ãw], e da forma padrão regional [õ] é alta, tanto no falar masculino, quanto no feminino, porém o uso da forma padrão regional [õ] se sobressaiu no falar feminino, conforme os dados obtidos.

Compreendemos deste modo que, nossos resultados são possíveis reflexos do isolamento da comunidade em estudo, em que as mulheres ficam em casa cuidando dos filhos, enquanto os homens saem da comunidade com maior frequência para trabalhar, fazer compras, entre outras atividades, afetando, assim, os falares da comunidade. A variante [õ], por exemplo, é recorrente no falar da comunidade em estudo, porém, ela se destaca no falar das mulheres, onde obtivemos 196 ocorrências de uso do variante padrão regional [õ], valor superior ao encontrado no falar masculino que apresentou 74 ocorrências da variante padrão regional [õ].

Outros fatores podem condicionar esta diferença nos resultados, como o fato dos homens terem interagido menos com a pesquisadora, talvez pelo fato de ser uma mulher entrevistando homens. Enquanto que as mulheres se expressaram com mais naturalidade.

Contudo, existe outro fator que pode ter influenciado nos resultados, como o fato dos homens estarem mais presentes no mercado de trabalho, eles saem para trabalhar, criam laços de amizade, para além da fronteira, enquanto as mulheres, principalmente, as mais velhas, não costumam sair da comunidade. Seus vínculos de contato limitam-se à sua família e à comunidade, e vez ou outra, uma conversa com visitantes que chegam de passagem na comunidade, ou então uma ida rápida até a cidade de Cáceres, para uma consulta médica, ou para fazer compras. Estes fatores, aliados ao isolamento local, acabam por preservar o uso da variante padrão regional [õ] no falar feminino.

Encontramos na Sociolinguística, o suporte teórico e metodológico necessário para o desenvolvimento desta pesquisa, de maneira que a teoria nos forneceu os subsídios para analisar os usos [ãw] e [õ] na comunidade Corixa.

Acreditamos que os estudos sociolinguísticos ainda irão avançar consideravelmente no Estado de Mato Grosso, tendo em vista que esta região possui uma

vasta fonte para pesquisadores da área, o que abre novas possibilidades de estudo, sobretudo, em Sociolinguística.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM F. & BENTES, A. C (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez. p. 21- 47, 2004.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de Sociolinguística**. 1ª. Ed-São Paulo: Parábola editorial, 2017.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. (Tradução de Marcos Marcionilo) São Paulo: Parábola, 2002.
- DIAS, Jaqueline da Silva. **O falar Poconeano: um estudo sobre as variedades linguísticas em uso**. Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.
- LABOV, Willian. (2008). **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008.
- MACEDO-KARIM, Jocineide. **A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. Dissertação de Mestrado. Araraquara-SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2004.
- MACEDO-KARIM, Jocineide. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais**. Tese de Doutorado. Campinas-SP: Instituto de Estudos da Linguagem, 2012.
- NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contrastes**. Traduzido do alemão por Mário Eduardo Viáro. São Paulo: Globo, 2008.
- PAIVA, Maria da Conceição de. **A variável gênero/sexo**. IN: **Introdução à Sociolinguística o tratamento da variação**/ Mollica, Maria Cecília e Braga, Maria Luiza (Orgs.) 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SILVA, Mariza Pereira. (2000). **Um Estudo de Variação Dialetal: a alternância de [ãw] ~ [õ] final no português falado na cidade de Cáceres-MT**. Campinas-SP: IEL – UNICAMP, 2000.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

---

Recebido em: 12/11/2022 | Aprovado em: 17/08/2023  
Publicado em: 27/07/2025

---